

A imigração europeia no Brasil durante o Reino Unido: relatos de errâncias e travessias em Cartas

Prof. Dra. Beatriz Maria ECKERT-HOFF¹

*“A escrita transforma
a coisa vista ou ouvida
‘em forças e em sangue’”
(Michel Foucault)*

*“Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada”
(Cecília Meireles)*

O convite para falar sobre o tema da imigração europeia no Brasil na *Sessão Comemorativa do 2º. Centenário do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-2015)*, na sede do *Grémio Literário de Lisboa*, deixou-me triplamente honrada: primeiro, por ser uma brasileira a falar num evento do tão renomado Grémio Literário; segundo, por falar do lugar de descendente de imigrantes de uma colônia alemã no sul do Brasil, imigração esta inicialmente motivada no período do Reino Unido; terceiro, por representar as mulheres, a única entre sete homens a proferir suas palestras no evento de comemoração dos cem anos do Reino Unido no Brasil.

Ditas essas palavras introdutórias para marcar minha honrosa presença no evento do Grémio Literário de Lisboa, passo a dizer que questões de cultura, história, nação, língua, errâncias, travessias, margeiam nossa memória, sempre que falamos da constituição do Brasil, fortemente marcada pela colonização europeia – tanto pela própria história do descobrimento – como pela imigração organizada, a qual teve seu

¹ Pós-Doutora em Letras Modernas pela USP e Pós-Doutora na Universidade Christian-Albrechts Universität (CAU), em Kiel, Deutschland. Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, com estágio sanduíche na ESES de Portugal. Foi Reitora da UDF/Brasília (2012-2024), professora e pesquisadora do Programa Stricto Sensu, Doutorado em Linguística na UNICSUL, São Paulo e da UNIFRAN, Franca/SP/Brasil. Atualmente é Vice-presidente Excelência Acadêmica e Institucional da Cruzeiro do Sul Educacional.

marco inicial no período do Reino Unido, em 1815, motivada inicialmente por D. João VI – e posteriormente propagada durante todo o período imperial.

D. João VI, como grande Estadista que foi sentindo a necessidade de uma colonização planejada, a fim de promover e dilatar a civilização do Reino do Brasil, baixou um Decreto que autorizou um agente do Cantão de Friburgo, na Suíça, a estabelecer uma colônia de cem famílias suíças na “Fazendo do Morro Queimado”, nas cercanias do Rio de Janeiro, lugar de características naturais parecidas as de seu país de origem.

Tivemos, assim, o primeiro movimento migratório organizado, levado a cabo pela Coroa Portuguesa no Brasil – durante o Reino Unido. Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, é considerada, portanto, a primeira vaga migratória suíça para o Brasil, habitada por colonos suíços católicos, motivados, na época, pela fome e pela miséria que os assolavam no velho continente, resultantes das guerras. Vieram em busca de terras e melhores condições para sobrevivência, época em que a Europa sofre a escassez de terras e o Brasil mostra-se aberto a tal imigração, por entender que a cultura, a educação e a economia eram virtudes inerentes aos europeus e, assim, o Brasil se desenvolveria mais rapidamente e de forma mais promissora, com as virtudes e valores intrínsecos.

Depois dessa colônia suíça, sucederam-se outras colônias de imigração alemã, das quais citamos: a de Petrópolis, também no Rio de Janeiro; a da Bahia, conhecida como a Colônia Leopoldina; e mais tarde a de Blumenau, em Santa Catarina; e a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Vale citar que – curiosamente, coincidentemente, ou fatalmente, desta última sou uma das descendentes, da terceira geração nascida no Brasil.

Como pesquisadora, linguista, estudiosa da linguagem e analista de discurso que sou, nosso olhar gira em torno de compreender questões simbólicas e imaginárias que envolvem a identidade e a subjetividade desses sujeitos-imigrantes, por meio de seus relatos em Cartas. Objetivamos analisar suas representações de nação (da que ficou e da que encontraram), suas representações de língua e de cultura, enfim, suas errâncias trazidas do velho mundo e suas inscrições no mundo novo. Essas Cartas – relatos autobiográficos do gênero epistolar –, são por nós compreendidas como escrituras de si, apoiados pelos estudos de Derrida, Foucault, Coracini, Robin.

Para Derrida (2001), a escrita constitui sempre uma escritura de si. E esta é sempre autobiográfica, na medida em que se processam oscilações entre a certeza e a incerteza de ser.

Para Foucault (1977), escrever é

‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (p. 150).

Para Régine Robin (1993, p. 10), escrever “é sempre jogar, frustrar a morte, a filiação, o romance familiar, a História”, é descortinar, por sua faceta de aprisionar o que escapa, o que se mostra fugaz.

No dizer de Coracini (2010, p. 31), escrever é

cortar a folha (papel, que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, in-serções de si no corpo estranho do outro – palavra, texto, que é sempre do outro e sempre meu ou de quem escreve, de quem assina –, transformando, deformando, degradando, com legitimidade – afinal, o autor se sente “dono” da língua – o corpo ou o *corpus* (defunto, morto).

A partir desses autores, entendemos os relatos das *Cartas* como travessias no corpo da linguagem e no corpo do sujeito falante, travessias que se marcam entre cortes e suturas: ao mesmo tempo em que o eu se vela e revela, há o desvelamento do eu. E esse velamento-desvelamento do eu, Derrida (2001a) compara com a metamorfose do bicho-da-seda, que, segundo ele, não é uma figura qualquer, pois enrola nele todas as suas histórias com relação à verdade, ao jogo revelação-ocultação na tecitura.

O que o autor coloca em questão é que

o animal nomeado bicho-da-seda produz vegetal. Depois de ter comido – intimado, na verdade – suas folhas de amoreira, de vegetal, o vegetariano se fecha, certo, ele se intima, mas ele se intima no que a natureza lhe ordena tirar de si, de produzir fora se separando dele e ao mesmo tempo se enterrando nele, o casulo, de secretar em si fora de si,

d'*extimar* ... exteriorizar o que ele é e o que vem dele, que ele guarda ou que lhe guarda perdendo-o: a seda como si-mesmo (ibidem, p. 150-151).

É nesse sentido que as *Cartas* são tomadas como *uma vida escrita*, já que entendemos que seja ela registrada ou não, a vida sempre é escrita, pelas rasuras, suturas, costuras, pelos traços, pelas errâncias e inscrições com que a marcamos ou a sulcamos. Entendemos que a escrita de si é sempre escrita do outro, do outro de si, de si no outro, (des)velando e revelando e até mesmo ocultando o que fica visível e invisível ao sujeito, num jogo de possibilidades e impossibilidades.

Analisar vidas escritas por meio de Cartas dos primeiros imigrantes europeus no Brasil significa buscar fios que margeiam memória e esquecimento e que marcam um acontecimento, tanto para quem escreve como para quem lê.

Ressaltamos que as Cartas que selecionamos para o trabalho desta conferência foram coletadas em dois momentos: o primeiro, Cartas coletadas na Alemanha, quando do meu estudo de Pós-doutoramento na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, com pesquisas realizadas em arquivos públicos e privados de diversas Unidades Federativas do país, escritas por imigrantes e seus descendentes, datadas desde o início do século XIX (quando iniciou a imigração, justamente no período do Reino Unido) até início do século XX. O segundo momento – em função do convite para este evento do Grémio Literário –, Cartas coletadas no acervo do Museu Imperial do Rio de Janeiro, mais especificamente Cartas de imigrantes da colônia de Nova Friburgo, publicadas na época nos periódicos *Journal du Jura* numa coluna intitulada “‘Notícias da Colônia Suíça' que partiu para o Brasil”, que objetivava, além de divulgar a colonização, provar que os que partiram haviam conseguido vencer, apesar de tudo.

Num olhar interpretativo a essas Cartas, podemos dizer que o que se revela, em comum, são as referências às dificuldades da viagem, que durava de três a seis meses, com enfrentamento de tempestades, de doenças e até mesmo mortes. São comuns os relatos de morte de algum familiar e da dor quando do lançamento do corpo em alto-mar – única alternativa para o sepultamento.

Revela-se, também, em comum nas escrituras das Cartas, as recorrências em relação ao enaltecer da nova Terra, à liberdade encontrada, à fartura de comida e à dualidade entre as nações e as línguas. Vejamos dois recortes que ilustram isso:

“De tudo que há nos campos e jardins e hortas alemães nós plantamos aqui. Vegetais verdes

podemos ter durante todo o ano; as raízes de mandioca tem um sabor muito agradável ainda melhor do que as batatas...”

“Aqui estamos no céu, vivemos na Terra Prometida. Vivemos como homens livres. Ninguém exige nada de nós. A despesa da nossa viagem esperamos pagar logo. Da floresta retiramos o que queremos. Como diariamente o meu meio quilo de carne. Sobre as bebidas não há muito o que escrever; só há aguardente. Se queremos beber cerveja temos então que ir até Petrópolis, a 10 milhas de distância, onde há cervejarias alemãs...”

É interessante verificar a preocupação em mostrar que fizeram certo em migrar e por isso mostram o Brasil como o paraíso, o céu (*himmel*), lugar de terra produtiva, aparece a satisfação por serem enfim proprietários de terras, satisfação com novos alimentos, com a exuberância de carne, café, exaltando sobretudo a fertilidade do solo "podem-se fazer duas colheitas por ano" e colher verduras verdinhas o ano todo, a possibilidade da caça e da pesca, o 'clima ameno' da região.

Chamam-nos atenção também as referências à liberdade em relação à igreja e à escola, à criação de suas próprias escolas, enfim ressaltam que vivem num país livre, como demonstram os seguintes fragmentos:

“Aqui se vive de forma mais livre, do que por lá, e a liberdade todo mundo gosta de viver, até o menor dos pássaros”.

“Todos aqui tem liberdade em frequentar Igreja e Escola...”

Vimos que esses dizeres mostram a contemplação da nova terra como um lugar idílico, o paraíso, a terra prometida. O discurso das Cartas aponta para o sentido de que a nova terra incita um lugar de fuga, de novas possibilidades e de realizações, lugar que reflete o sonho idílico da América: terra nova onde se pode criar um espaço de liberdade – de similitudes e de afastamentos – mas continuar suíços, alemães, italianos, portugueses...! E nesse sentido, revelam o desejo de “continuar com a nomeação de origem”.

Chamam-nos atenção ainda, nas Cartas, as questões de língua: nas primeiras escritas (sempre na língua de origem) aparecem termos da língua da nova terra – a portuguesa. A história diz que nesses contextos a língua de origem – dos suíços, dos alemães, dos italianos, dos portugueses – se perdurou por quase um século: da primeira década do século XIX, às primeiras duas décadas do século XX, quando houve a interdição das línguas no Brasil, ditado por Getúlio Vargas. Nas primeiras cartas havia

a preocupação de traduzir e explicar os termos da língua portuguesa inseridos nas Cartas, já mais tarde esses termos entraram e se misturavam naturalmente à língua de origem.

Observe-se que o que ocorre é uma nação acontecendo na outra, *uma língua acontecendo na outra*. Travessia do corpo marcando a tessitura da escrita. Um movimento de travessia marcado por uma alquimia, uma encruzilhada, um entrelaçamento que faz com que as palavras falam com ele, dividem-no, ditam-lhe um certo trajeto, obrigam-no a uma espécie de retorno em direção a si mesmo (citando Robin, 1999), incitando novas escansões, novas palavras e invenções ou reinvenções da vida, feitas de “fios que se entrelaçam, os fios das culturas: fios de letras, fios de vozes a que se acrescentam novas ressonâncias, novos timbres” (Brandão, p. 55).

Os dizeres remetem a uma força de querer marcar o duplo, tanto a língua de seu país de origem, como o *Português*, num só. Faz (re)soar, num entre-dois, uma nomeação unindo, aglutinando as línguas, as identidades, as culturas, as nações, nas quais não quer se calar. Isso aponta, em nosso entender, para um sentimento de exílio e de hospitalidade, ao mesmo tempo, num movimento que desterritorializa, reterritorializando, no sentido de levar o sujeito a se recriar dentro da língua de si e da língua do outro, da sua nação e da nação do outro, o que faz eco num outro modo de ser, nem um nem outro: os dois. Reportando-nos a Robin (1997), podemos dizer que é a nação deixada, a da morte (seja a Suíça, seja a Alemanha, ou outra), contra a nação de vida (o Brasil) faz surgir uma entre-nação, nem essa nem aquela – mas a que o sujeito se reinventa, salva e é por ela salvo.

Esse duplo e ao mesmo tempo vazio que se apresenta na Cartas comporta dois significados: o Brasil como nova pátria pelo *jus solis* e o país de origem como a pátria ancestral pelo *jus sanguinis*, o que revela uma ruptura, um certo exílio, mas também hospitalidade.

Para Robin (1999), a língua outra, a nação outra onde se é estrangeiro, de alguma forma é também o *Heim* (lar, no sentido cunhado por Freud), lugar de exílio, onde os traços da nação mãe (as errâncias) não se apagam e os traços da nação nova, outra, estrangeira, nas quais o sujeito se inscreve, produzem novas marcas, que de alguma forma modificam o seu eu, a sua assinatura.

Outra recorrência comum nos relatos são sentimentos de angústia, de esperança e de saudade, constantemente atenuadas na troca das Cartas, o que vale ser ilustrado por dois fragmentos, a seguir.

“para que a felicidade fosse completa, vocês [seus familiares] deveriam vir também...”

“Certamente vais-te admirar que ousou escrever-te e por isso peço escusas. É verdade fui um tresloucado, mas o que se há de fazer. Certamente sou e serei forçado a peregrinar pelo mundo e pensar em você dia e noite. Ainda não estou desesperançado, algum dia, mesmo que seja uma hora antes da morte tenho que te ver. Hoje sinto o que você significava para mim, querida Maria. Ganho aqui muito bem e depois poderei ganhar até mais. Eis a razão de minha pergunta, se me é permitido interrogar, minha Maria: você não quer vir? Pelo menos ficarás 100 vezes melhor do que na Europa. Imediatamente alugarei uma casa bonita e jamais te abandonarei até a morte. Isto jurarei na Igreja...”

Vale ressaltar que, embora a saudade atenuada nos relatos, em momento algum aparece nas Cartas o desejo de retorno: seu lugar agora era no Brasil. Observe-se que os que migraram o fizeram para não voltar, mas ironicamente e contrariamente, para continuar suíços, alemães, italianos, portugueses, ou outros, dependendo da região de colonização do Brasil.

Os imigrantes que buscavam no Brasil uma nova vida depositavam nas Cartas aos seus familiares a esperança, a angústia e a saudade que se instalava pela memória. A angústia se dá pela falta; a esperança é traduzida pelo motivo que os trouxe, o de realizações e enriquecimento; a saudade está relacionada à dor e à lembrança de um tempo, de um lugar e de pessoas que se escolheu deixar para trás, mas que marcaram sua memória, sua identidade.

Para finalizar, vale ilustrar este texto com fragmentos de Cartas escritas no período do Reino Unido, por uma pessoa que nos foi e sempre será muito cara no Brasil: Dona Leopoldina. Vejamos o primeiro fragmento extraído da Carta escrita, ainda da Áustria:

“Com a maior impaciência, esperei este momento em que me é permitido exprimir a Vossa Majestade todos os sentimentos que me invadiram quando o Imperador, meu Augusto Pai, me anunciou que Vossa Majestade me concedia a honra de pedir minha mão para o Príncipe do Brasil, seu querido filho...”

Assim começa a Carta da arquiduquesa do Império Austro-húngaro, D. Leopoldina, ao seu futuro sogro, D. João VI, em 16 de abril de 1817, quando ainda estava na Áustria. Grande responsável pelos projetos organizados de imigração europeia ao Brasil depois de Nova Friburgo, D. Leopoldina – arquiduquesa da Áustria; princesa real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; e Imperatriz do Brasil, escrevia cartas, desde a infância. Cabe registrar que essas Cartas são objeto de estudos

de várias pesquisas realizadas ainda hoje no Brasil, cujo acervo se constitui de mais de duzentas Cartas, pertencentes ao arquivo do museu imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro.

Outro fragmento que vale ilustrar aqui é da Carta escrita em novembro de 1917, data em que Dona Leopoldina chegou ao Rio de Janeiro, para relatar a viagem ao seu pai que ficara na Áustria.

“Querido papai! Com a ajuda divina cheguei muito feliz e saudável ao Rio de Janeiro, após uma travessia de 84 dias, da qual me despedi no penúltimo dia com uma tempestade bastante violenta; a entrada do porto é estreita e acho que nem pena nem pincel podem descrever a primeira impressão que o paradisíaco Brasil causa a qualquer estrangeiro...”

Vale ressaltar que, em suas Cartas, D. Leopoldina revela, além de aspectos sociais, políticos, o espaço arquitetônico, a natureza, sua forma de ser e de retratar o mundo. É curioso que numa de suas cartas – escritas ao seu esposo D. Pedro I, quando este ficou em viagem por alguns meses – ela coloca que escrever para ela é o “único meio de aliviar as saudades...”. Isso nos permite acirrar que, tal qual Derrida (2001), D. Leopoldina conceitua as cartas como uma escritura, como uma forma de se dizer, se encontrar e de atenuar o que lhe aflige.

Podemos concluir que o dizer das Cartas marca errâncias e inscrições (passagens e demarcações) nas e pelas nações, o que indicia um entre-lugar para o sujeito-imigrante, um entre-lugar para a língua, um entre-lugar para a memória, um entre-lugar para a identidade.

São travessias de sujeito, travessias de língua, travessias de nação, marcadas por um trans-plante. É isso que o trans-plante promove: a travessia onde um passa pelo outro e onde esse espaço entre eles é ao mesmo tempo ruptura e ligação, errância e inscrição. Há, pois, *os entre-dois* que não se opõem, mas se relacionam entre si por um duplo movimento de travessias: entre o eu e o outro, entre o lá e o cá, entre o europeu e o “brasileiro” – a (re)construção de identidades, em que o sujeito tenta, como todo sujeito, a todo momento, colar de novo os seus pedaços.

Referências:

CORACINI, Maria José (2010). Discurso e Escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: Coracini, M. J. & Eckert-Hoff, B. M. (orgs.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras.

DERRIDA, Jacques (2001). *O monolinguismo do outro: ou a prótese de origem*. Trad.: F. Bernardo. Porto: Campo das Letras.

___ (2001a). *La connaissance des textes. Lecture d'un manuscrit illisible. (Correspondances)*. (avec Simon Hantaï e Jean Luc Nancy). Paris: Galilée.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria (2010). (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. In: *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras.

___. (2015). Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault: uma análise de Cartas de imigrantes-alemães do sul do Brasil. In: Guerra, V.; Nolasco, E. C. (orgs.). *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos*. Campinas: Pontes.

FOUCAULT, Michel. (1977). *O que é um autor?* 4 ed. Trad.: A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega: Passagens.

ROBIN, Régine (1993). *Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes.

___ (1997). *Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au Cybersoi*. Montréal: XYZ.

___ (1999). *L'immense fatigue des pierres: biofictions*. Montréal: XYZ.

SANGLARD, Gisele (2003). *De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 173-202.